

## **VICKY, TRAJETÓRIA TRANSNEGRA: DISCRIMINAÇÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS E ENFRENTAMENTOS.**

Joilson Santana Marques Junior

*Escola de Serviço Social/Universidade Federal do Rio de Janeiro*

[Joutromundo2000@gmail.com](mailto:Joutromundo2000@gmail.com)

A discussão que pretendo suscitar com esse trabalho é a relação entre discriminação de diversidade sexual e de gênero e suas relações com o racismo atravessada pelo trabalho em uma perspectiva que posso dizer que irá misturar estudo de caso e história de vida, com o que eu vou nomear de uma dose de relato ficcional, na medida em que, a história que vou trazer não é um caso específico, mas uma combinação de histórias de vida que me foram apresentadas no trabalho no Centro de Referência LGBT e pela observação diária nos diversos espaços em que transito. Essa forma de análise tanto possibilita discutir as interseções entre as diferentes faces da discriminação como de percebê-las no trajeto cotidiano dos sujeitos que a sofrem. Como uma inferência inicial pode-se conceber que os sujeitos vivem processos de discriminação de maneira integralizada, não obstante são os espaços que fragmentam essas discriminações, contudo elas atuam de maneira indivisível nos sujeitos, segundo a questão do mundo do trabalho suscita enormes dilemas para essa população, pois, ora ela vai ser expulsa do mercado formal de trabalho, ora estará inserida nesse mercado das maneiras mais precárias, mais sofrendo a super- exploração e uma série de discriminações, já que há um entendimento tácito de que essa população deve permanecer na clandestinidade longe do olhar “cidadão de bem”.

Palavras-chave: LGBTfobia, Racismo, Trabalho.

O estudo de caso um recurso utilizado tanto para pesquisas principalmente nas áreas de saúde/ humanas e sociais com o objetivo de analisar como certo caso pode se constituir de uma maneira singular, demonstrando novas possibilidades de construção sócio históricas e ou conjuntamente suas relações com alguns pontos mais universais, ou seja, como relações macro se evidenciaram naquele contexto micro, quero lembrar que esta é uma interpretação geral e grosseira desse procedimento de pesquisa e que ademais a diversas possibilidades de abordagem conceitual, mas esta foi a escolhida. Outra forma de encontrarmos o estudo de caso é no que tange a sua “aplicação” na rotina dos serviços de saúde, assistência, entre outros, nesse caso utiliza-se do estudo de caso como ferramenta para que um conjunto de profissionais

possivelmente uma equipe interdisciplinar, possa se debruçar na tentativa de melhor compreensão do caso assim como de entender suas injunções com outras dimensões da vida dos sujeitos para além da demanda que ele traz ao serviço, é uma tentativa de romper com a fragmentação e segmentação que precede o atendimento de modo geral nas políticas públicas, para tentar compreender o sujeito em sua integralidade busca-se uma melhor maneira de acompanhar aquele sujeito. É claro que esta visão sobre o conceito também é uma escolha minha muito embasada na minha vivencia enquanto assistente social e particularmente como assistente social no Centro de Referencia LGBT, não tenho, portanto a pretensão de encerrar o conceito, mas apenas de trazer uma “pitada” acerca dele. Quanto a historia de vida é também uma técnica de pesquisa que visa principalmente, visibilizar a historia de sujeitos oprimidos e subalternizados, também é um procedimento de pesquisa com um conjunto mais ou menos ordenado de diretrizes para a sua realização. Mas este relato é também ficcional na medida em que não se constitui em uma estória real já que constitui um conjunto de características de diferentes situações e é organizada através da minha capacidade de conta-la mas creio que ao final seja bastante próximo do que vemos todo dia ou deveríamos ver. A questão é que minha discussão utilizará o recurso de um estudo de caso, mas não um caso totalmente concreto mas a soma de características que pude observar ao longo de três anos de serviço no CRLGBT, é bem verdade que esta não foi minha única experiência profissional, mas nessa pude ver algumas questões com um nível de acompanhamento maior, então permitam que exponha meu caso imaginário/concreto e dai talvez minha ideia/fala para esta mesa fique mais clara:

Gostaria que vocês viajassem comigo:

Vicky é uma usuária que nos chega um pouco nervosa. Ela começa dizendo: “não quero ser prostituta”. Pedimos a ela que nos conte o que esta acontecendo.

Ela relata que trabalhava em uma padaria. Seus problemas começaram quando as pessoas – seus colegas de trabalho e seu chefe – começaram a perceber algumas pequenas mudanças no corpo de Vicky sob o uniforme. Ela nos conta que começou a fazer uso de hormônios, continuou usando roupas “normais” no horário de trabalho, só utilizando suas outras roupas nas saídas, em outros momentos de sua vida. Então Vicky pôs um implante, como era negra não dava para ficar com “aquele cabelo”, mas como ela usa boné isso não seria problema, mas o chefe de Vicky achou que esse era um problema bastante grave, achou que aquilo estava passando dos limites. Vicky não compreendia o que o seu cabelo tinha a ver com o que ela fazia que era basicamente atender os clientes da lanchonete e ainda por cima, ela usava boné, tinha um loirão gostoso que tinha cabelos quase na altura do dela. Bem, seu chefe a chamou para uma conversa: escuta aqui, nessa loja não permitimos cabelos compridos, Vicky reagiu ainda que acanhada, mas o “Dinho” usa, então o gerente olha para ela e diz: você já viu algum negão nessa loja de cabelo grande, isso é péssimo, da uma impressão de sujeira, Vicky então reaje mas é um implante e nem é “duro”, é só um pouco cacheado, seu chefe lhe diz pior, você já viu homem de implante aqui, olha Vicky eu fingi que não vi essas coisas que você

anda fazendo, mas entenda minha lanchonete é lugar de família e você sabe que a maior parte de nossos clientes são cristãos, então em nome da minha consideração por você por que você trabalha direitinho vou pedir que você volte amanhã sem esse negócio na cabeça, Vicky então diz ao seu chefe eu me demito não vou ficar aqui o meu cabelo é meu paguei com o meu dinheiro, bem eu sinto, diz o chefe, mas você sabe que tem muita gente lá fora precisando e que sabe se comportar.

Vicky então nos diz que agora, olhando para trás, percebe que fez uma burrada. Como podia ela ir contra o patrão que até a estava ajudando ao lhe dar aquele trabalho? Quando ela chegou aqui vinda do Nordeste, lutou muito até conseguir um emprego e sair da casa da tia que era muito severa e não queria aquele sobrinho fazendo vergonha na rua. E só por um cabelo, fica triste e diz que devia ter pensado melhor: “eu moro sozinha, não tenho família para me sustentar e minha tia, do jeito que estou agora, nem fala comigo”.

Pedimos então que Vicky continue sua historia de onde parou, ela recomeça:

- Bem, depois que eu saí comecei a tentar outros empregos, sempre disfarçando, até que consegui uma vaga de carregador em um estoque, percebia uns risinhos, mas tudo bem a gente sabe que as pessoas não gostam da gente, aliás eu sempre sofri com isso. No colégio eu era macaca, preta, ao menos me chamavam no feminino. Então “zombar” é “normal” né, mas o problema é que como sou negra me davam sempre mais carga e meus colegas sempre tinham uma piadinha para quando eu reclamava “porra negão com um lombo desses”, “negão dois por dois e não aguenta um peso” “é viado mesmo”, essas coisas, acho que em virtude do excesso de peso comecei a sentir fortes dores na minha coluna, mas como tinha muito medo de perder o emprego eu fui trabalhando assim mesmo, ainda mas estava em experiência a gente não pode nada na experiência; foi muito ruim por que as dores aumentavam, eu tomava uns chás...

Interrompemos e perguntamos:

- Você procurou algum serviço de saúde?”

Ela nos responde:

- Como? Primeiro eu trabalhava de dia, o que tornava difícil ir no posto e da última vez que tinha ido foi muito ruim o guarda riu da minha cara e a recepcionista ficou mangando depois que eu passei sobre eu procurar o serviço de ginecologia ou de proctologia “porque os viados querem ser mulher e tomar uma dedada do médico” a médica até foi legal, mas me disse que eu deveria parar imediatamente com aqueles hormônios. O que você acha que ela ia me dizer agora? Que eu estava com dor de coluna por causa dos hormônios.

Depois de algum tempo tive uma crise bem séria fiquei em casa sem nem mesmo poder andar, foi muito ruim, quando voltei daqueles dez dias o meu chefe disse que eu tinha que ver isso e tal, eu disse que talvez se eu fosse para outro setor então ele argumentou que isso não era possível eu tinha sido contratada para fazer aquilo, aventei a hipótese de uma vaga na recepção da fábrica que estava vaga e que eu já tinha trabalhado atendendo e que além disso eu tinha segundo grau, eu falava direito e não tinha sotaque, ele então me disse mas isso é vaga de mulher você não é mulher. Fiquei pensando, porque que recepção é só para a mulher, não entendo, e na verdade quando saía da fábrica a noite eu era mulher, mas se eu dissesse isso estava no olho da rua com certeza. Passado mais um tempo veio um corte de funcionários e me disseram que precisavam cortar pessoas, tenho certeza que tinha haver com o fato de que não podia mais ser burro de carga, mas enfim nova busca.

Só que eu estava cansada dessa historia de duas vidas: para conseguir o trabalho na fábrica tive que tirar meu implante e passei a usar peruca, meu primeiro chefe tinha razão. Então decidi me assumir de vez por “cabelão”, usar saia e tudo, mas, daí piorou, arranjar trabalho virou um suplício só consegui ser vendedora de Avon, Natura essas coisas, porque eles não se importam, mas o problema é que você não tem garantia de nada, se não vende não ganha a tal comissão, a única coisa boa é porque era um trabalho mais feminino isso me deixava feliz mas não dava para pagar as contas direito e ainda por cima tinha cliente que desistia de comprar comigo quando percebia sabe, o dinheiro do seguro-desemprego acabou, fui tentar o bolsa-família e a assistente social disse que eu não tinha filhos, acho que ela queria dizer que eu não tinha família. Aliás acho que nem ela acha que eu sou uma pessoa.

Vou dizer uma coisa. Eu tenho umas amigas que se prostituem, eu não vou mentir para vocês, eu tentei, mas não gostei, é uma vida muito difícil, aquela coisa da rua você é alvo de todo mundo ninguém respeita, ninguém pensa que você tá ali para ganhar seu dinheiro como todo mundo. “pô, você não tá roubando não tá matando”, mas é muito ruim e ainda por cima vocês sabem eu sou preta você sabe que a gente não consegue espaço em certos lugares um pouco melhor, então não quero e eu vim aqui para saber como vocês podem me ajudar?

A pergunta de Vicky suscita algumas considerações:

Não quero diluir a questão racial ou o racismo mesmo porque a historia de Vicky não permite, mas quero chamar atenção para o fato de que Vicky é alvo de racismo, discriminação de gênero, lgbtfobia, contudo, essas situações foram acionadas em diferentes momentos por quem as impetrou, quando Vicky nos traz sua historia esses aspectos são vividos integralmente, ao discutir direitos humanos Trindade(2012) coloca como pauta central a discussão de dimensões que compõe a vida do ser social nesse sentido as dimensões raciais de sexualidade, gênero e classe são vividas por um mesmo corpo que se move através de diferentes espaços, esses profundamente segmentado e fragmentadores.

Vicky também nos traz os seus questionamentos sobre um mundo injusto onde ser negra ou negro significa ser ainda mais explorada ou explorado enquanto trabalhadora ou trabalhador e o que se espera de um negro ou negra parafraseando Fanon(2008), na verdade trata-se de um olhar que trata esse outro negro a partir de uma síntese estereotipada que o confere um *status* de sub-humano e que remete ao lugar da coisificação e portanto de sua exploração.

Vicky também nos mostra como a divisão do sistema sexo-gênero esta posta no trabalho: a recepção, o sub-emprego através de revistas estilo Avon e companhia e toda sua propaganda em torno do trabalho realizado pelas mulheres preferencialmente e em algumas situações, exclusivamente, que existe desde os anos 50, de maneira completamente precária e sem nenhum tipo de direito trabalhista, fato que normalmente quando discutimos flexibilização do trabalho passa ao largo. (MYIATA,2011)

Lembramos que Vicky deixa claro quem é o chefe: ele é homem, não sabemos se branco, mas creio todos tenhamos imaginado que sim. Vicky também nos fala da profunda chantagem acionada pelo desemprego: aquela ideia que a faz pensar no patrão como bom inverte a lógica, nós não somos explorados, temos de agradecer ao patrão por nos dar um emprego, ou seja, a evidência da lógica da exploração é suplantada pela lógica do favor, fruto que cada vez mais estimulado pela lógica neoliberal de transformar o emprego em uma espécie de “premio” a que o sujeito não só deve fazer jus, como deve sentir-se bem por ser humilhado e aviltado e terminar o dia com o sorriso no rosto. (VIANA,2015)

Vicky nos suscita ainda outras questões: precisamos lembrar que sua identidade de gênero e sua sexualidade são fatores não só de uma discriminação no sentido abstrato, mas também interfere diretamente no acesso ou não ao mercado de trabalho e na permanência neste. Digo isso porque ora é a sua identidade feminina, ora é sua sexualidade porque na fábrica as pessoas apenas achavam que ela era “viado”.

Por fim Vicky nos traz dimensão da prostituição e nesse lócus de trabalho ela vai nos falar, mais uma vez, de um trabalho precário alvo de toda sorte de humilhações - e vamos convir que a prostituição é historicamente associada ao feminino, não por acaso. O que ela diz é que mesmo nesse lugar a cor da pele influencia os pontos melhores ou piores, Banuth e Santos(2016) embora não estejam discutindo pessoas em diversidade de gênero, reafirmam esse pressuposto ao discutirem a prostituição negra em São Paulo, comprovando a racialização desse espaço e a estratificação de classe a partir da cor.

Ao final achamos importante deixar algumas questões baseados nessa breve incursão em uma vida podemos separar o modo atual de produzir, que é hierárquico e promotor de desigualdade, do incremento à opressão? É possível que tenhamos formas de lidar com isso sem questionar que os negros, LGBTs e mulheres irão trabalhar? Podem infelizmente jamais ter emprego, mas vão trabalhar e serão via de regra super-explorados, porque contra eles pesa não só o fato de serem trabalhadores, mas as suas marcas de diversidade.

## Referências

BANUTH, Raquel de Freitas; SANTOS, Manoel Antônio dos. Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 763-776, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, 2008.

MIYATA, H. **Trabalho, redes e territórios nos circuitos da economia urbana: uma análise da venda direta em Jundiaí e Região Metropolitana de São Paulo**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011. (Tese de doutorado).

TRINDADE, José Damião de Lima. Direitos Humanos para além do capital. In: FORTI, Valéria; BRITES, Cristina M. (Orgs). **Direitos Humanos e Serviço Social: Polêmicas, debates e embates**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. Boitempo Editorial, 2015.